



Formação internacional de professores pesquisadores e resistência descolonizadora

International professional development of teachers and decolonizing resistance

Formación internacional de docentes investigadores y resistencia descolonizadora

Camila Gasparin E-mail: camila.gasparin@ifsc.edu.br

Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Florianópolis, SC, Brasil



Resumo: Na formação internacional de curta duração, mas principalmente na pós-graduação, de professores-pesquisadores, a abordagem e o conhecimento colonizado e/ou *whitewashed* se tornam desafios, assim como na publicação internacional e no reconhecimento das publicações acadêmicas brasileiras através de índices criados pelos colonizadores acadêmicos. Introduzida pelas diversas experiências de formação de curta e longa formação, na América do Norte e Europa, e como editora de revista acadêmica no Brasil, a autora reflete as experiências colonizadoras sofridas, a necessidade de resistência descolonizadora, as sanções sofridas e suas raízes, e alguns possíveis caminhos para os professores-pesquisadores brasileiros e a sociedade científica educacional brasileira.

Palavras-chave: professor-pesquisador; colonizadores; descolonização; norte e sul global; formação internacional.

Abstract: In short-term international training, but mainly in graduate studies of teachers-researchers, the approach and colonized knowledge and/or *whitewashed* become challenges, as well as in international publishing and on recognition of Brazilian academic publishing through indexes created by academic colonizers. Introduced by the diverse experiences on short and long-term training, in North America and Europe, and as editor of academic journal in Brazil, the author reflects on colonizing experiences suffered, the need of decolonizing resistance, sanctions suffered and their roots, and some possible paths for Brazilian teachers-researchers and the current educational Brazilian scientific society.

Keywords: teacher-researcher; colonizers; decolonization; global north and south; international training.

Resumen: En la formación internacional de corta duración, pero principalmente en posgrado, de profesores investigadores, el abordaje y el conocimiento colonizado y/o *whitewashed* se vuelven desafíos, así como la publicación internacional y el no reconocimiento de las publicaciones académicas brasileñas a través de índices creados por los colonizadores académicos. Introducida por las diversas experiencias de formación de corta y larga formación, en América del Norte y Europa, y como editora de revista académica en Brasil, la autora refleja las experiencias colonizadoras sufridas, la necesidad de resistencia descolonizadora, las sanciones sufridas y sus raíces, y algunos posibles caminos para los profesores investigadores brasileños y la sociedad científica educacional brasileña.

Palabras clave: profesor-investigador; colonizadores; descolonización; norte y sur global; formación internacional.

Introdução

O professor tem papel essencial como agente de transformação da sociedade brasileira, apesar de nossa profissão ser socioeconomicamente e politicamente desvalorizada. Para tal, não basta a profunda dedicação em sala de aula, mas também é necessário buscar constante aperfeiçoamento, enquanto não vivemos em uma sociedade na qual oferecê-la a todos livremente seja a norma vigente. Assim, este artigo é uma reflexão que parte do conceito de professor-pesquisador, aquele que reflete sobre sua prática, que a vê como práxis, no qual debatemos oportunidades de formação no Brasil, exterior, mas também a academia global e sua problemática a partir da consideração da constante colonização sofrida pela América Latina.

Considerando a colonização cultural como *whitewashing*¹ e os conceitos de norte e sul global, e de descolonização, esta discussão debate profundamente a academia global e a recepção do imigrante por esta, para que você, professor-pesquisador, tenha consciência dos meandros e como caminhar neste mundo de colonização intelectual, racismo, *h-index*, *single-blind peer review*, e tantas outras diferenças da academia brasileira à qual estamos acostumados.

Este é um artigo posicional de exploração autobiográfica e de metodologia autoetnográfica com foco decolonial, discorrendo sobre as experiências educacionais internacionais da autora em sua carreira acadêmica e profissional. Um posicionamento autoetnográfico analítico tem um potencial epistêmico potencializado pelo rico recurso empírico que é a presença do pesquisador como ator, tema e recurso no campo de pesquisa [Garbe, 2024]. Une-se a pesquisa etnográfica com decolonialidade como uma reação à dominância Branca e Ocidental, às estruturas de poder social, acadêmico e amplamente intelectual, para questionar o apagamento colonial do “outro”, vivenciado pela própria autora na academia internacional [Datta; Chapola, 2023]. No entanto, esta reflexão objetiva explorar como melhor aproveitar as oportunidades acadêmica e de desenvolvimento profissional que existem no cenário internacional, porém com a clareza de como uma professora latino-americana é lida e interpretada no mundo. Assim, os professores-pesquisadores brasileiros poderão aproveitar as oportunidades sem, ou com menos, surpresas e implementar e desenvolver no Brasil os conhecimentos aprendidos nestas oportunidades.

Colonização/*whitewashing* do conhecimento, das publicações, e dos índices de produção acadêmicos

Quando pensamos em grandes instituições de ensino e pesquisa, dependendo de nossas referências culturais, vamos pensar em universidades europeias ou norte-americanas devido à excelente propaganda que as “vende” para nós por décadas e décadas. Quem cresceu nos anos 90 e 2000, principalmente, foi hiperexposto a Cambridge, Oxford, Harvard, UCLA, Brown e Yale. Na primeira oportunidade em que viajavam para as cidades onde ficam localizadas estas instituições, brasileiros corriam para conhecer os *campi*, comprar moletons, camisetas, e todo tipo de lembrancinhas.

As razões para essa propaganda vão muito além de um pretenso orgulho por estas universidades e do ensino, pesquisa e extensão que elas desenvolvem. Universidades norte-americanas, mesmo as públicas, são pagas, e no caso das citadas acima, muitíssimo “bem” pagas, sendo provavelmente algumas das, se não as, mais caras do mundo. Assim, transformar a universidade em uma marca e essa marca em um objeto de desejo foi uma das formas encontradas para manter altos os índices de inscrição dos seus processos seletivos. Afinal, não basta ser uma marca de desejo, você precisa ser muito exclusiva também. Algumas pessoas compram uma Birkin, outras têm um diploma de Harvard. A Birkin tende a ser mais barata.

Mas será que toda essa exclusividade de acesso se traduz em excelência acadêmica em todas as áreas? Oxford, Cambridge e Harvard se alternam no *top 3* melhores universidades do mundo praticamente todos os anos [TIMES HIGHER EDUCATION, 2025]. Por quê? Elas fazem uma pesquisa melhor? Produzem mais conhecimento? O que elas fazem que nós não fazemos? E deveríamos fazer o mesmo que elas? E se fizéssemos, adiantaria?

¹ “*Whitewashing*” se refere ao processo e à problemática de racialização de povos e culturas; E se refere ao processo de apagamento ou branqueamento cultural, histórico, artístico, entre outros [Gabriel, 1998].

Organização e o Pacto do Norte Global da academia

O Brasil nem tinha sido colonizado ainda quando a Europa já tinha universidades, o que significa que já havia toda uma estrutura de leitura do mundo, produção e socialização de conhecimento, ainda que muito diferente do que temos hoje, antes mesmo de sermos um país. Assim, parece historicamente natural que as estruturas que os países colonizadores, que o norte global, foram desenvolvendo tenham sido as estruturas de academia que seguimos até hoje, mesmo que já esteja mais que na hora de subvertermos esse domínio.

Primeiramente, precisamos lembrar o que é a academia. Quando pensamos em carreira acadêmica, em ciências, temos uma visão romantizada que vai ser desconstruída principalmente na pós-graduação, e me pergunto quanto dos altos índices de problemas de saúde mental dos pós-graduandos tem a ver com a percepção da realidade acadêmica. Quando Galileu e Newton eram acadêmicos, a academia era uma manufatura artesanal. Tudo era mais lento, as discussões eram mais lentas, os acadêmicos tinham muitos anos para apresentar suas teses de doutoramento, por exemplo. Era quase um processo artístico e, ainda que houvesse comunicação entre pesquisadores e eventos, o isolamento era muito maior, o tempo para desenvolver um raciocínio também.

Hoje em dia a academia é uma “indústria 4.0” com parâmetros bem definidos até para garantir padrões médios de formação para todos os pós-graduandos ou de produção para docentes e pesquisadores. Nessa academia industrial, ao entrar em um programa de doutorado, por exemplo, você vai se familiarizar com os pré-requisitos para sua formatura que vão muito além das disciplinas a serem cursadas, da qualificação e da apresentação da tese, como participação em eventos, publicação em revistas Capes A ou B, publicações internacionais, entre outros, a depender do programa. Para um profissional dessa academia as coisas não são muito diferentes, além de, geralmente, lecionar, o professor-pesquisador precisa escrever, submeter, aplicar e reportar seus projetos de pesquisa e extensão com fomento interno ou externo, publicar em revistas, publicar capítulos ou livros, fazer parte de comissões, ser revisor ou editor de revistas, e mais.

No aspecto mais coletivo da academia, além dos eventos acadêmicos, as publicações em revistas especializadas têm destaque como forma de socialização de produção de conhecimento, além de registro de ideias, associando uma temática original ao autor que primeiro a publicou. Os detalhes das formas de avaliação são discutidos mais à frente, mas a estrutura do processo de submissão para revistas já demonstra uma lógica colonialista. Primeiramente, já podemos pensar que quando enviamos um trabalho para avaliação usamos a expressão “submeter” à avaliação, isso quer dizer que ele será avaliado por nossos pares acadêmicos e intelectuais, mas também que nossas ideias deverão estar submissas àquelas praticadas pela revista que escolhemos para publicar nosso trabalho.

Uma das primeiras orientações que você, eu, e jovens acadêmicos recebem ao buscar se familiarizar com o processo de publicação *peer-reviewed* é escolher para qual revista você vai enviar o trabalho para garantir que o tópico se encaixe no escopo da revista e que os teóricos que você cita no seu trabalho sejam os mesmos amplamente citados na revista, ou sejam parte do corpo editorial da revista. Não sabia? Pois anote essa dica. Ao mesmo tempo que este é um atalho para facilitar suas publicações, também nos fala muito da liberdade de produção e de citação efetiva que temos academicamente. Quando pensamos o quanto a academia tende a se manter presa em autores e referências por longos períodos, podemos imaginar quantos autores não são usados como embasamento teórico porque isso não ajudaria à publicação de outros escritos, e quantos autores são automaticamente citados como forma de abrir portas.

Além de um reflexo claro dos períodos de ciência normal de Kuhn [2013], esta dinâmica mostra como autores são referidos contínua e repetidamente por motivos além do mérito intelectual e científico de seus trabalhos. Consideremos a seguinte dinâmica: você publica um trabalho de grande valia acadêmica, mas seu nome como pesquisador e pensador, não é conhecido, você será amplamente citado? Dificilmente, a menos que um outro acadêmico, esse já muito conhecido dentro da academia, o cite. Assim, outros acadêmicos irão conhecer seu trabalho através de *reference mining*. Se estes outros acadêmicos forem também conhecidos e o citarem, seu nome começa a se tornar conhecido, autores menos conhecidos começam a citar você, que começa a ser convidado para publicações, palestras, *workshops*, e *voilà*, bem-vindo ao sucesso acadêmico! Rapidinho, que na academia significa uma boa década, seu *h-index* estará alto e você será considerado uma das referências na sua área.

Agora pensemos nesse cenário sob uma perspectiva acadêmica com um viés geopolítico. Se sua língua de publicação não for o inglês e você estiver em um meio no qual a produção acadêmica tem números menores que aqueles das universidades mais bem ranqueadas, além da comunidade acadêmica internacional ter menor acesso às suas ideias, as pessoas que buscam por trabalhos diretamente nas bases de dados dessas instituições, devido ao *status* de produção acadêmica pelo qual elas são conhecidas, não terão acesso a você. Portanto, o processo discutido no parágrafo anterior será muitíssimo mais difícil. Ou seja, o sucesso acadêmico de mesmo *status*, especialmente internacionalmente, para um acadêmico do sul global, ou que escolha não publicar em inglês, é sempre mais difícil, mais penoso, demorado, e geralmente vai exigir um período no norte global para acontecer.

Além disso, o *h-index* é um índice de produção acadêmica que considera citações por produção, ou seja, quanto mais você é citado a cada trabalho, maior seu *h-index*. Seguindo a lógica desta discussão, quem terá o maior *h-index*? Naturalmente, os autores do norte global. O índice considera a qualidade da produção acadêmica? Não, apenas os números de produção e citação, e como o norte global produz em massa, as citações também são em massa, mas não há fatores de correção para isso. Assim, é necessário descolonizarmos o *index*, termos índices do sul global para o sul global, ou uma correção dos índices usados que leve em conta a realidade da qual se origina a publicação considerando língua, região, área de conhecimento, entre outros fatores.

Por último, não nos esqueçamos da subjetividade humana no processo de produção acadêmica. Não apenas das referências mais adequadas se faz um trabalho, mas daquelas que se alinham mais com nosso raciocínio e crenças científicas, epistemológicas e políticas. Também, há a subjetividade das relações interpessoais que levam acadêmicos a citarem seus pares mais próximos, orientadores, colegas de pesquisa e laboratório, intelectuais que admiram, ainda que o alinhamento com sua narrativa de trabalho não seja tão próximo, por vezes. Isso acontece em todos os lugares e existem até pressões em jovens autores para tal. Minha experiência mostra que isso acontece no sul e no norte global, mas no norte global tem efeitos maiores no *h-index* conforme discutido, além de haver uma cultura de valorização do “seu” no norte, enquanto o sul olha para o norte. É necessário descolonizar esse pensamento e que o sul olhe para o sul para combatermos essa lógica.

A monolinguística da academia

Cada país publica em sua língua dentro de sua própria academia, e assim deve ser, pois devemos valorizar nossa cultura, nossa língua, e nossa ciência. Mas academicamente isso dificulta nosso posicionamento mundial. Significa que devemos passar a publicar em inglês no Brasil? Absolutamente não. Esta é apenas uma reflexão da realidade. Em 2023, publiquei

um editorial [Gasparin, 2023] debatendo as formas de internacionalização da produção acadêmica brasileira e a melhor forma de tradução para o termo “extensão” como *outreach*, quando falamos de extensão universitária, e não a tradução automática *extension*. Vale a pena consultar este debate que foge o escopo desse artigo, mas se conecta com ele.

A academia mundial é monolíngüística e nela não existe espaço para outra língua se não o inglês, pois a academia é plenamente colonizada [Arbuckle; Adema; Ortega, 2024; Montgomery, 2004]. Nativos de língua inglesa, estudantes e pesquisadores, têm vantagens para acessar as pesquisas ou publicar sua produção [Khelifa *et al.*, 2022]. De todos os materiais publicados no mundo, 21,84% dos livros, 62,55% dos jornais e revistas, e 45,24% das revistas acadêmicas eram publicados em inglês em 2008, sendo que apenas 10,58% da população mundial é fluente nesta língua [Lobachev, 2008]. Stockemer e Wigginton [2019] aplicaram uma enquete a 800 autores de artigos acadêmicos nas revistas da Springer Nature, e concluíram que a média dos autores não anglófonos submetem em inglês cerca de 60% de suas publicações. Assim, precisamos ter essa consciência enquanto fortalecemos nossa academia através de um olhar mais voltado às produções de pensadores do sul, e buscamos publicar nossos trabalhos também no exterior, visando a revolução acadêmica descolonizadora do sul global, mas nos fazendo presentes nos índices vigentes de produção acadêmica.

A fala de Patricia Ryan no TedTalk® de Dubai, em 2010, discutiu a exigência dos *scores* nas provas de fluências em inglês como o TOEFL® e o IELTS®. Ela problematiza muito bem como a academia global exclui grandes talentos pela sua monolíngüística e como isso deve ser abolido. Mas não é apenas pelo acesso à formação superior no exterior que isso deve acontecer, se não pela necessidade da multiplicidade de visões e capacidades analíticas trazidas pela multiculturalidade acadêmica em uma pesquisa. Ryan exemplifica como pesquisadores de diferentes origens conseguem trazer múltiplos vieses de análise para um problema de pesquisa, e o quanto isso é prejudicado pela barreira imposta pelos altos *scores* de inglês exigidos para estes acessos.

A discussão de Ryan é interessante porque nos lembra que diferentes línguas e culturas trazem diferentes formas de análise do mundo, proporcionando novos caminhos para problemas que parecem sem solução. É o efeito cognitivo da língua em ação na leitura do mundo e esse é o aspecto mais efetivo a se usar como argumento para a multiculturalidade na academia e a descolonização dessa. Não quer dizer que não iremos sempre ter uma língua “referência” na qual as publicações serão lidas mundialmente, afinal não podemos aprender todas as línguas, mas quer dizer que cidadãos falantes de todas as línguas devem ter espaço na e acesso à academia para uma melhoria dessa, tanto em produção científica *hard* quanto em percepções e análises das ciências humanas. Passar de uma academia unicultural para uma multicultural é um processo de descolonização extremamente difícil, e o movimento de resistência individual é claro em vários atores do processo, conforme será discutido mais à frente.

Os índices de produção/qualidade acadêmicos, suas origens e importância

Nem só de *h-index* vive a academia, mas é ele que vemos em nossos perfis no *Google Scholar* e *ResearchGate*, e é o mais famoso a partir do qual se pode medir o sucesso de um acadêmico. Os índices de produção ou qualidade acadêmica medem, basicamente, a relação entre produção e citação de cada artigo, livro, capítulo de livro, editorial publicado por um autor. Aí me pergunto e pergunto a você, após nossa discussão sobre o Pacto do Norte Global da academia, como isso é uma medida de qualidade? Não seria muito mais uma medida de fama, de reconhecimento? Nem todos que são reconhecidos, são os melhores em suas áreas.

Às vezes o melhor pode estar no sul global publicando em sua língua materna e o restante do mundo não sabe dele, ou seja, ele não tem um *h-index* alto porque não é tão citado.

Proposto por Hirsh em 2005, o *h-index* é o indicador acadêmico mais famoso e amplamente usado. Eu já fui questionada sobre meu *h-index*, algo que me pareceu inacreditável, mas que vi se repetir desde então. Como já citei, o índice considera o número total de publicações e a média de citações de um autor, porém deixa muitas citações de fora e não considera o impacto de citações excessivas. Ele é mais uma medida de popularidade que de prestígio [Bihari; Tripathi; Deepak, 2023] e qualidade, além de dar mesmo crédito a todos os autores de um trabalho, quando sabemos que a carga de trabalho empregada em colaborações não é sempre a mesma. O índice deixa de fora trabalhos com apenas uma citação, por exemplo, e não leva em conta há quantos anos foi ele publicado. Obviamente, um trabalho publicado há 20 anos terá muito mais citações que um publicado há um ano, considerando que ambos tenham a mesma relevância na área. Assim, acadêmicos com mais tempo de academia sempre terão uma vantagem nesse índice. Além disso, ele não diferencia autocitação e citação de outros autores, então se quiser aumentar seu *h-index*, aí está um truque!

Mas ele não é o único índice existente, apenas o mais conhecido e usado. Outros exemplos são *m-quotient*, *g-index*, *h[2]-index*, *a-index*, *m-index*, *r-index*, *ar-index* e *h_w-index* que Bihari, Tripathi e Deepak [2023] compararam para autores. Eles ainda compararam *h-index*, *g-index* e *A-index* para avaliação institucional. Recomendo a leitura do artigo de Bihari, Tripathi e Deepak para compreensão a fundo dos diversos índices existentes. No entanto, fatores de correção ao *h-index* e novas possibilidades de índices não dão conta da desigualdade da acessibilidade de publicação ou da indexação e relevância dessa para essa contagem nos índices das produções dos autores do sul global.

Nora Schmidt [2020] discute a dificuldade de encontrar trabalhos do sul global nos sistemas de busca das bibliotecas universitárias do norte global, e a mesma coisa pode ser percebida se usarmos até mesmo o *Google Scholar* e outras ferramentas de busca. Schmidt reflete que a indexação que torna disponível mundialmente estes trabalhos, e a escolha por revistas locais ou mais especializadas para atingir o público-alvo da produção, podem ser responsáveis por tal. Ainda assim, pondera como isso reflete uma desigualdade na oportunidade acadêmica dos pesquisadores e que, muitas vezes, é mais fácil encontrarmos trabalhos do norte global, mesmo quando realizamos buscas no sul global.

Muitas vezes precisamos sair de ferramentas de busca mais abrangentes e focarmos em outras mais locais para encontrarmos trabalhos brasileiros, mesmo usando palavras-chave em português. Isso é o reflexo de um sistema de supervalorização da produção do norte global que advém, inclusive, da origem da forma de indexarmos e buscarmos trabalhos acadêmicos ter sido desenvolvida pela lógica do norte global. Dessa forma, nossos trabalhos não são encontrados, ainda que publiquemos em inglês em revistas brasileiras, uma das condições para serem consideradas revistas internacionais, mas os trabalhos de autores do norte global, sim. Quem terá um *h-index* maior? E isso é reflexo de mérito da produção acadêmica ou de um sistema de privilégio?

O professor-pesquisador e as oportunidades de formação

Para alguém como eu que vive a academia com prazer, é uma felicidade perceber o movimento de professor para professor-pesquisador que vem acontecendo nas últimas décadas.

O professor precisa se refletir pelo bem da educação como um todo. A prática educacional deve ser práxis, a ação deve ser refletida, e o professor deve ser valorizado com remuneração, prestígio social, e tempo para desempenhar suas atividades com calma e qualidade.

Enquanto ainda estamos distantes de uma realidade ideal, a academia já bate à porta do professor, e a educação crítica passa a ser mais valorizada mesmo com constantes ataques. Um professor-pesquisador é um professor crítico, analítico, politicamente ativo frente às reformas educacionais com as quais não concorda, e que sabe se posicionar em sua ação freiriana de elevar a consciência dos alunos quanto a sua condição e lugar no mundo.

Ser pesquisador não é apenas ser produtor acadêmico, mas acima de tudo ser incansável estudioso mesmo frente ao cansaço da profissão. Assim, o primeiro passo da academia é a formação, seja continuada com cursos de formação profissional ou pós-graduação, que levem o professor a novas oportunidades de posicionamento acadêmico e visões de possibilidades educacionais para si e para seus estudantes. No longo processo de busca de descolonização da academia, precisamos sempre lembrar da importância de nos posicionarmos nela na atual estrutura, para termos referências e escopo para quando conseguirmos construir uma nova realidade de equidade entre norte e sul global.

Enquanto não são todas as oportunidades de formação do exterior que podem ser encontradas em versões brasileiras pelos professores, ou cursos originalmente brasileiros com conteúdo de ponta, uma das formas de acessar o conhecimento discutido nos grandes centros de pesquisa do mundo e levá-lo para sala de aula é estar atento às ofertas de formação continuada para professores de Ensino Médio. Não apenas através destes cursos, de curta duração, mas também fazendo uma pós-graduação no exterior, geralmente o doutorado, que nem sempre exige um mestrado para acesso.

Os caminhos a seguir

Mas como acessar estas oportunidades? As formas são diversas, mas em sua maioria não há como escapar de um nível intermediário de inglês, pelo menos. Como o estudo aprofundado de uma segunda ou terceira língua não é a realidade da maioria dos professores, principalmente os que se originam da classe trabalhadora, este estudo já é uma carga extra no preparo para acessar as oportunidades no exterior.

Durante a formação inicial de professores, as universidades federais oferecem cursos de línguas como disciplinas, sendo um caminho gratuito. Outras opções tendem a ser privadas e de diversos valores. Mas a principal questão para o professor é combinar carga horária de trabalho e estudos, sendo o primeiro obstáculo a ser enfrentado. Então, quanto antes se organizar para superar essa questão, melhor.

Caso você deseje cursar um doutorado no exterior, você precisará fazer o TOEFL® para os Estados Unidos, ou o IELTS® para países da Europa. Focando no TOEFL®, com o qual tenho experiência, a prova testa o nível de inglês, mas muito da sua capacidade de realizá-la. Ou seja, ter o conhecimento da estrutura da prova e treinar para ela é tão importante quanto estudar a língua. Geralmente, as universidades pedem notas entre 60 e 80 no TOEFL®, dependendo a área do doutorado, se Ciências Exatas ou Educação, por exemplo, equivalendo ao nível intermediário. A maioria das universidades norte-americanas também vai pedir o GRE, *Graduate Record Examinations*, que testa a lógica matemática e tem uma estrutura de questões bem incomum para os brasileiros. Essa prova precisa de bastante estudo, então se atente à nota de corte de GRE que sua universidade de desejo pede.

Ainda antes de agendar TOEFL® e IELTS®, você precisa pesquisar as universidades que lhe interessam, linhas de pesquisa e possíveis orientadores. Não adianta muito se comunicar com os norte-americanos, mas pode ser algo benéfico para a Europa. Muitos não vão nem retornar seu contato, faz parte. Verifique os períodos de inscrição e da documentação exigida para cada programa que lhe interesse, geralmente uma carta de apresentação, notas do TOEFL® e GRE®, seus dados, passaporte, possíveis orientadores, e, em alguns casos, projeto de pesquisa de até cinco páginas. Use referências próximas às usadas pelo seu orientador desejado.

Por último, você precisará fazer sua validação de diploma e histórico escolar da graduação e mestrado, caso tenha feito o último, pela WES®, *World Education Services*, indicando as universidades para as quais deseja que sua documentação seja enviada. Algumas universidades exigem que esta documentação chegue antes do fim do período de inscrição, então fique atento porque as universidades brasileiras, em sua grande maioria, não têm acordo de envio virtual de documentação para a WES® e você terá que enviar os envelopes lacrados e carimbados via Correios.

Opções de formação na área de Física e ensino de Física

Todas, ou quase todas, universidades têm opções em mestrado e doutorado em Educação e Física, lembrando que alguns departamentos de Educação têm a abordagem a partir da psicologia, a exemplo da Universidade de Chicago, diferente da maioria das pesquisas em educação realizadas no Brasil. Já a Física é uma Ciência Exata com pós-graduação bastante padrão em sua forma de ser ao redor do mundo. Os departamentos não mudam muito suas estruturas, o que facilita ao brasileiro entender como se candidatar às vagas.

Caso você não deseje fazer uma pós-graduação no exterior, mas um curso de curta duração, as oportunidades para brasileiros são inúmeras, e somos muito bem recebidos em todos os lugares. A principal oportunidade para brasileiros é a Escola de Física do CERN, programa anual que leva professores brasileiros para o instituto de pesquisa através da parceria com Portugal, uma vez que apenas países membros podem ter programas nacionais de formação de professores e a escola data de antes da associação do Brasil.

A Escola de Física do CERN promove curso em Portugal e na Suíça anualmente para professores do Brasil, Portugal e outros países de língua portuguesa. Promovida pela Sociedade Brasileira de Física – SBF em cooperação com o Laboratório de Instrumentação e Física Experimental de Partículas – LIP, de Lisboa, Portugal, tem a maior vantagem de acessar as discussões das escolas de formação de professores do CERN sem a necessidade de falar inglês [ainda que sempre seja útil para uma viagem internacional] (Gasparin; Veríssimo; Lopes, 2019). É um curso concentrado em uma semana no CERN, bastante cansativo e de intenso aprendizado do qual participei em 2016, e indico a todos sem conhecimento em inglês ou que queira uma primeira experiência de formação de professores no exterior. Possivelmente, em breve o Brasil contará com o próprio programa devido ao novo *status* de membro.

Outras opções, também do CERN, são os programas internacionais de professores, o *International High School Teacher Programme* – HST e o *International Teacher Weeks Programme* – ITW. Eu participei da primeira edição do ITW em 2017, e as atividades são basicamente as mesmas da Escola de Física do CERN, o que significa que o ritmo é muito mais tranquilo. São professores do mundo todo, o que possibilita uma troca de experiências, vivência, e prática do inglês bastante intensas. Além disso, o programa oferece bolsa para cobrir os custos e as acomodações são individuais no hotel do CERN.

Antigamente chamado de *Schrödinger's Class* e renomeada para *Quantum for Educators*, o *workshop* de três dias do *Institute for Quantum Computing* – IQC, da *University of Waterloo*, no Canadá, é uma opção bastante focada na Física Quântica mais conceitual, na criptografia e na computação quântica, com opções de aplicação direta na sala de aula. Eu participei em 2018, sendo a primeira brasileira não residente na América do Norte a frequentar o programa. É uma opção bastante intensa em ritmo de trabalho e conta com bolsa para cobrir os custos de deslocamento dos professores, e fornecendo hospedagem e alimentação.

Por último, o muitíssimo popular *EinsteinPlus* do *Perimeter Institute* – PI, também em Waterloo, Canadá. Foi durante minha participação nele, em 2017, que fiquei sabendo da oportunidade no IQC. O PI é um instituto de Física Teórica que também pode ser opção para pós-graduação, mas que têm esse programa de formação continuada de professores anual, de uma semana de duração, com foco em Física Moderna, abordando Física Quântica, Relatividade Especial, e Cosmologia. A maioria dos professores são canadenses, sendo financiados. Já os professores internacionais pagam uma taxa pela participação, acomodação e alimentação, e custeiam suas demais despesas. Para quem já usa os materiais deles em sala de aula, é uma oportunidade excelente.

O desafio do financiamento

O que aprendi convivendo com professores de todo mundo nestes cursos é que algo que nos une é a dificuldade de financiamento e licença ou afastamento para capacitação. Dos cursos supracitados, HST, ITW, e *Quantum for Educators* contam com financiamento para professores. Talvez seja necessário um valor pequeno a mais para alguma despesa, como tirar passaporte, mas a viagem é viabilizada financeiramente. Já a Escola de Física e o *EinsteinPlus* não têm financiamento, limitando quem tem acesso a ele.

Quando falamos de pós-graduação no exterior, a situação é ainda mais delicada. Sem *fellowships*, *scholarships*, e com vistos que limitam muito a possibilidade de trabalho e renda extra, o professor que deseja uma pós-graduação no exterior pode ter seus planos frustrados. Por isso, é importante seguir os passos indicados pelas universidades, escrever boas cartas de apresentação, manter um currículo acadêmico atualizado e com publicações, para mostrar que você pode oferecer algo à universidade. Há a opção de bolsas *Fullbright* para doutorado sanduíche, mas um doutorado sanduíche no exterior e um doutorado pleno lhe abrem portas diferentes posteriormente, então pondere o que é melhor para você.

Além disso, os professores precisam se afastar do trabalho para a maioria dos cursos acima. Algumas instituições como Institutos Federais (IFs) e Universidades Federais (UFs) têm mais abertura a isso do que instituições de Ensino Básico ou particulares de qualquer nível. Editais de IFs e UFs permitem afastamento integral com substituto para pós-graduação, uma condição de capacitação ao professor que, a meu ver, deveria existir em toda a rede pública de ensino. Ademais, conseguir financiamento auxiliar para estas oportunidades é possível, ainda que difícil, mas muito mais difícil em outros tipos de instituições, de forma geral.

Vantagens

Se há vantagem ou não em fazer um curso de curta duração ou uma pós-graduação no exterior, é algo muito pessoal. Indiscutivelmente, existe a prática da língua estrangeira e o contato com uma nova cultura e realidade, porém os cursos de curta duração não permitem que isto tenha um resultado tão relevante em longo prazo quanto se inserir e morar no país por um período mais longo. Em cursos de curta duração, o foco não é esse, mas o conhecimento e as estratégias pedagógicas que você aprenderá para aplicar na sala de aula, além do *networking* que poderá resultar em futuros projetos de extensão com palestras internacionais, por exemplo.

Na pós-graduação plena ou sanduíche no exterior, as vantagens também são diferentes. A vivência cultural e linguística está presente em ambos, além do aspecto da cultura acadêmica da universidade e do país escolhidos. No doutorado sanduíche no exterior, você chegará para realizar sua pesquisa, e o aprendizado será imenso, mas a parte teórica de seu doutorado, majoritariamente, já terá sido feita no Brasil. Na pós-graduação plena, você construirá um arcabouço teórico conforme a academia do país, e terá um diploma do país, que deverá passar por processo de validação no Brasil e nem sempre será amplamente reconhecido, mas pode abrir portas para outras oportunidades acadêmicas e profissionais no exterior mais facilmente. Assim, você pode escolher um ou outro, dependendo da sua possibilidade de se mudar para o exterior por mais ou menos tempo, das suas condições familiares, e de suas aspirações futuras.

Aproveite as oportunidades

A síndrome de impostor pode dificultar ou impedir de buscarmos todas as oportunidades possíveis de qualificação, ou de nos sentirmos à altura de aproveitarmos as oportunidades das quais ficamos sabendo [[Pereira et al., 2024](#)]. No entanto, apesar de ser um problema sistêmico em que o sujeito se torna responsável por sua empregabilidade, a qualificação profissional e acadêmica aprimora o currículo e permite alcançar melhores posições profissionais e salários [[Freres, 2008](#)]. Para tal, é preciso que você tenha planejamento dentro da sua realidade, module suas expectativas, trabalhe tanto quanto possível, e não se deixe afetar pela síndrome de impostor.

A sagacidade como parte do caminho

Às vezes é mais importante ser esperto que ser o melhor. Não estou falando de malandragem, mas de sagacidade. Ficar atento às oportunidades de universidades e institutos no Brasil e no exterior para monitorar as oportunidades que você busca é um primeiro passo para estar à frente. Nem todos fazem isso, nem todos se mantêm atentos, e mesmo quando a oportunidade surge, nem todos se inscrevem, pois não acreditam ser bons o suficiente ou estarem preparados. Bem, às vezes precisaremos trocar o pneu com o carro em movimento, mas é melhor do que continuar com o carro parado, o pneu furado, sem sair do lugar.

Uma boa forma de ficar informado das oportunidades é se inscrever nas *newsletters* das instituições e programas que interessam a você, e se associar à Sociedade Brasileira de Física – SBF, *American Physical Society* – APS, dos Estados Unidos, ao *Institute of Physics* – IoP, do Reino Unido, e ao *National Association for Research in Science Teaching* – NARST, dos Estados Unidos. Estas são as minhas associações, pois inglês é a minha língua secundária, mas se a sua for espanhol ou outra, busque associações que se encaixam na sua realidade. Se voluntarie para ser revisor das revistas que as associações publicam e vá construindo seu currículo.

A autoestima do professor brasileiro

Brasileiros são muito bem-vistos academicamente no exterior, o que quer dizer que nossa origem não nos coloca em desvantagem em relação a outras origens, na maioria das instituições. Sim, existem universidades que olham para isso, problemática que será discutida mais à frente, então tente várias. Para cursos de curta duração, somos muito bem-vistos e bem-vindos, especialmente no CERN. No ano seguinte que estive no IQC, outro brasileiro, amigo que conheci na Escola de Física de 2016, foi selecionado para o curso. Os brasileiros deixam uma boa impressão por onde passam pela nossa ética de trabalho, excelente formação, e esforço.

A ideia colonizada de nós mesmos

O brasileiro tende a se ver mal em comparação a outras nações. É a ideia do norte global perfeito e o sul global problemático. É a ideia colonizada de nós mesmos criada pelos colonizadores e perpetuada até hoje [Ignácio, 2023]. E expandimos isso para outras nações. Pensamos nos alemães e japoneses como supertrabalhadores e inteligentes, nos franceses como intelectuais, nos italianos como refinados em estilo, e nós seríamos os preguiçosos, limitados e cafonas [Campos *et al.*, 2021; Massagli, 2018; Mori, 2022; Silva, 2021; Suppo, 1995]. Isto se dá a partir da exposição reiterada a peças midiáticas estruturadas com discursos estereotipados como presentes em notícias e produções culturais [músicas, filmes, séries, novelas, literatura, e artes plásticas] [Freire Filho, 2004].

Mas isso não corresponde à realidade. Por exemplo, um ex-colega de Ensino Médio é um *scholar* na Suécia, outra amiga de infância é pesquisadora e professora em Londres e ambos afirmam que o brasileiro é bem-visto profissional e academicamente nestes países. Eu mesma sou admirada pelo meu currículo, organização, repertório de metodologia de pesquisa, ferramentas tecnológicas e repertório acadêmico em geral por colegas e professores sendo apenas uma doutoranda nos Estados Unidos.

A visão autodepreciativa não vem apenas do processo de colonização e formação do país, mas da colonização como processo constante ao qual estivemos submetidos através do consumo de produtos culturais importados e mesmo acadêmicos durante toda a existência da academia brasileira [Ignácio, 2023; Mignolo, 2017]. É um tanto recente a valorização dos autores e intelectuais brasileiros como fonte referencial válida, sem necessidade de ressonância com intelectuais mais tradicionais europeus, de onde vem a escola acadêmica brasileira. A herança da tradição acadêmica europeia pode passar despercebida, ainda que não nos atentemos à origem dos livros-textos que usamos ao longo de nossa formação universitária, mas ela não escapa ao sentimento de familiaridade ao lermos, mesmo em inglês, um artigo de um autor do oeste europeu, em comparação à sensação de “escrita fragmentada” que pode se apresentar nos primeiros contatos com artigos de autores norte-americanos [Vilhena Junior, 2024].

Se passamos nossa formação acadêmica lendo e comparando nossos conterrâneos a intelectuais destes outros países, ouvindo que os estrangeiros têm este e aquele mérito, sem sermos ensinados a apreciar também a qualidade do trabalho desenvolvido no Brasil, o resultado mais plausível é a ideia de que não somos tão bons quanto os outros, quanto o norte global, quanto os colonizadores [Arbuckle; Adema; Ortega, 2024; Freire Filho, 2004].

Conhecimento e formação

Então você deve fazer formação no exterior? Não, apenas se quiser. Existem cursos de curta duração e oficinas no Brasil que levam os conhecimentos dos cursos supracitados aos professores, e elas são discutidas mais à frente. Porém, existe a vivência relacionada à experiência, conforme já foi discutido. Estando em outro ambiente, com pessoas de outros países, você pode debater diretamente com eles as diferenças entre sistemas educacionais e suas especificidades, cultura, qualquer coisa que lhe interesse.

Quanto à pós-graduação, as universidades públicas brasileiras são excelentes e têm tradição consolidada em diversas áreas do conhecimento. Devemos lembrar quem faz os *rankings* e da origem do *h-index* [Mondal *et al.*, 2023], por exemplo. Se tivéssemos *rankings* brasileiros e um índice desenvolvido por um brasileiro, será que não teríamos notas maiores e diferentes colocações para nossas universidades e pesquisadores? Além disso, quando digo que universidades públicas brasileiras são excelentes, o que é confirmado pelos *rankings* internacionais de universidades, apesar de cada um ter sua metodologia específica.

No *ranking* da US News Global Universities para 2025-2026 [U.S. NEWS, 2025] a Universidade de São Paulo [USP] aparece na posição 146^a no mundo, a Universidade Estadual de Campinas [Unicamp] na posição 380^a, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul [UFRGS] em 464^a. Já no Shanghai *Ranking* [SHANGHAI RANKING, 2025], a USP aparece entre 101-150, a Universidade do Estado de São Paulo [Unesp] em 401-500, mesma posição da Unicamp. Por último, no *ranking* da Times Higher Education [TIMES HIGHER EDUCATION, 2025], a USP aparece em 199^a, a Unicamp em 351-500, e a Universidade Federal do Rio de Janeiro [UFRJ] em 601-800.

Currículo e *status* acadêmico e profissional

Ninguém discorda da força de um bom currículo para conseguir um emprego ou promoção no trabalho, além de ser uma característica que pode fazê-lo muito “publicizável” e atrair novos alunos para a escola onde você trabalha. Esse currículo traz o reconhecimento social, pois é um capital simbólico reconhecido, de valor social para a academia ou os demais grupos com os quais se comunica [Campos; Lima, 2018]. Além disso, conforme seu currículo melhora, mais fácil se torna acessar melhores oportunidades. Assim, apesar da excelência dos cursos de curta duração e pós-graduações oferecidas no Brasil, dependendo dos seus planos em médio e longo prazo, uma formação no exterior pode ajudar a viabilizá-los.

Desvantagens e desafios

Uma semana ou quatro anos longe do lugar que chamamos de “casa” não é fácil. Estar longe do familiar, dos amigos e da família pode ser um desafio mais tranquilo por um tempo curto, ou quando se é mais jovem, mas se torna mais difícil aos que embarcam nas jornadas mais longas e só. Em um painel sobre vida acadêmica com a professora de uma disciplina, uma colega chinesa, e uma norte-americana, debatemos como estar longe da família é difícil e chegamos à conclusão que pode ser *blessing in disguise*², pois apesar da saudade, das dificuldades, os estudantes internacionais que vêm sozinhos dispõem de todo seu tempo para suas próprias atividades acadêmicas, se for preciso, sem cobranças de presença, sociabilidade, e nenhuma outra.

² Uma bênção disfarçada.

O olhar desconfiado do colonizador

Nem todos recebem bem o imigrante, nem no Brasil, nem em qualquer lugar do mundo. Ainda que o Brasil seja muito acolhedor, não é sempre calorosamente que recebe venezuelanos, bolivianos, haitianos, outros imigrantes que buscam o Brasil por diversos motivos. Um estranhamento semelhante pode acontecer com brasileiros em outros países e varia de país para país, da sua posição socioeconômica, acadêmica, e de como você se apresenta aos olhos dos locais.

Este processo de conhecer o outro e reconhecer algo nele que permita uma conexão para que haja trocas pode ser dificultado por diversas coisas, como a xenofobia, mas também um sentimento de *entitlement*, de direito, do nativo do país que o leva a se sentir incomodado pela posição acadêmica ou socioeconômica ocupada por um estrangeiro. Aceita-se o estrangeiro, mas não se tolera que ele ocupe uma posição de destaque que imagina ser sua por direito.

Vou exemplificar com as diferentes experiências que já tive nos Estados Unidos. A primeira vez que morei no país por um tempo era universitária e fiz um programa de intercâmbio de trabalho na Califórnia no qual trabalhei por dez semanas limpando uma praça de alimentação. Era um trabalho pesado e trabalhava até treze horas por dia. Foi entre o final de 2007 e começo de 2008. A experiência foi ótima, a socialização muito boa em geral, apesar de que à época as perguntas “sem noção” eram mais comuns do que agora com as redes sociais e o acesso à informação das realidades e dia a dia das pessoas nos países serem mais disponíveis. Mas não tive dificuldade com meus colegas de trabalho, me senti bem-vinda, todos eram acolhedores e simpáticos. O mesmo aconteceu quando eu, ainda estudante universitária, fiz um outro programa do mesmo tipo, desta vez no Maine, entre o final de 2008 e começo de 2009. Também, eu e os demais brasileiros fomos muito bem recebidos e até hoje tenho contato com uma das minhas chefes e outro ex-colega. O trabalho também era pesado, incluindo limpar banheiros e aspirar pó de *lodges* enormes. Por outro lado, podíamos emprestar material de *ski* e *snowboard* gratuitamente para praticar estes esportes à vontade fora de nossos horários de trabalho. Essas duas experiências, em estados com realidades distintas, foram igualmente positivas – bem como todas as vezes em que visitei o país como turista.

Porém, quando cheguei para o doutorado, a história foi bem diferente. Desde antes de terminar a graduação, decidi que gostaria de fazer doutorado no exterior, até por ter sido aconselhada por professores a fazer meu mestrado no Brasil pela maior qualidade que na América do Norte, o que se mostrou verdadeiro nas minhas experiências recentes. Então, depois de passar por todos os passos de preparação que descrevi nas seções anteriores aqui, de um ano de tentativas frustradas, no meu segundo ano de tentativas fui aprovada por dois doutorados nos Estados Unidos. Diferente do Brasil, mesmo instituições públicas são pagas, e com valores mais altos para estrangeiros, então uma boa bolsa era essencial para poder realizar este plano. Felizmente, consegui uma *fellowship*, sendo *graduate research assistant*, ou seja, uma orientanda que auxilia o orientador em pesquisas, projetos, e cursos, assim como acontece no Brasil. A *fellowship* que consegui é a mais prestigiosa do departamento, o que para mim não significa nada além de que preciso fazer meu trabalho bem-feito, algo que eu já faria, mas que para os norte-americanos tem um peso muito grande, um *status* muito grande. Além disso, eu cheguei com duas décadas de experiência em educação, sendo uma professora com estabilidade na carreira, ou *tenured*, com uma ampla bagagem teórica, mas ainda precisando aprender coisas básicas aqui para eles como as regras de formatação da APA, pois sempre usamos ABNT no Brasil. A recepção de meus colegas, e até alguns professores, foi dramaticamente diferente das minhas experiências anteriores e ficava claro o descrédito as minhas ideias, o desdém ao meu cargo no Brasil, e o desgosto por ser eu e não um deles a ter a *Dean Fellowship*.

Tive um professor que pediu para eu não usar referências brasileiras nos trabalhos, outros para quem enviei *e-mail* com dúvidas e nunca fui respondida, e outras situações que não aconteciam com meus colegas, pelo menos com os colegas com quem eu mantinha contato. Além disso, talvez por ser uma mulher solteira em meio a turmas de pessoas casadas e, geralmente, mais velhas e com filhos, não havia socialização além da sala de aula, muito diferente do que aconteceu na Califórnia e no Maine. Mas também há o fator de que, nestas duas primeiras experiências, eu era uma subordinada, em um baixo cargo, com baixíssimo salário, e que iria embora, logo não importavam as minhas qualidades e qualificação. Agora, no doutorado, ou estou em posição de igualdade com meus colegas, e até superior aos olhos deles devido a ser uma *fellow*, mesmo sendo “apenas uma latina”. Para alguns, isto é inadmissível, uma latina “ameaçando” futuras vagas de trabalho imaginárias deles pega em algo muito caro a esta sociedade: a competição.

A necessidade clara de uma segunda língua e a oculta de uma terceira

É claro que inglês não é a única segunda língua que você pode aprender. As opções são muitas. Mas o inglês ainda é a mais instrumental, principalmente para viagens, leitura, e cursos no exterior. Porém, pouco se discute como uma terceira língua pode ser bastante útil. Primeiramente, porque nem todas as pessoas do mundo falam inglês, e ainda bem, pois é a diversidade que torna o mundo interessante. Segundo, porque ainda que você esteja no exterior e fale inglês fluentemente, poderá encontrar pessoas que são nativas da terceira língua que você fala e a socialização será muitíssimo mais fácil.

Quando estava no ITW no CERN em 2017, conheci dois colegas professores italianos, um do sul e um do norte da Itália. Como o italiano é minha terceira língua, passei a ter companhia para almoçar e jantar, pois eles não eram tão fluentes em inglês e pude praticar meu italiano, além de se sentirem mais à vontade comigo. Se eu não falasse italiano, não teríamos este vínculo linguístico para nos unir, e não teria passado momentos tão agradáveis com estes dois colegas incríveis.

O brasileiro token

Onde você estiver, haverá um brasileiro. Estamos espalhados no mundo todo. Mas pode acontecer de você ser o primeiro no lugar, ou estar mais isolado da comunidade brasileira local. Minha universidade tinha uma associação de estudantes latino-americanos, mas os brasileiros eram relegados, esquecidos, e nossa bandeira nem no logo estava! A bandeira da Espanha estava no logo da associação, mas não a do Brasil. Foi a partir de um contato e insistência minha que o logo foi corrigido. Mas no exterior, sempre há risco de isolamento, seja por carga de trabalho, dificuldade de encontrar colegas com quem haja identificação, ou indisponibilidade de grupos de brasileiros para acolhimento. Assim, você será um *token*, “o brasileiro”, que será mais conhecido assim que por seu nome, sua pesquisa, ou outras características. Isso pode ou não ser um problema para você, mas é bom estar ciente.

O brasileiro como latino

Pela colonização portuguesa e não espanhola, o brasileiro tem dificuldade em se ver como latino, o que é agravado pela não leitura de autores latino-americanos que debatem a temática. Apesar de termos uma cultura em comum, existe a tendência de nos separarmos dos hispânicos do nosso continente, como se fôssemos uma “outra coisa”: não latinos, mas brasileiros. Porém, ao sair do Brasil, e principalmente para quem chega aos Estados Unidos, qual não será a surpresa a se descobrir latino, e sofrer toda o racismo associado aos latinos [Assis, 2023].

Quando no Brasil, somos indígenas, negros, brancos, pardos, então, logicamente, pensamos que essa identificação racial se somaria ao fato de sermos latinos, mas não é o que acontece. Nossa identidade racial é apagada e substituída apenas por latino ou latina. E só. Para aqueles que não têm dificuldades em entender desde o Brasil que somos latinos, não há problema em ser considerados latinos, afinal é o que somos, mas o apagamento de parte de nossa identidade pode ter resultados psicológicos consideráveis. Aos brancos brasileiros, pode ser um primeiro momento de racialização, processo que é até educativo para entender as dificuldades das outras pessoas na sociedade racista brasileira, mas que desestrutura aquele que pensa que chegará no norte global gozando dos privilégios brancos assim como faz no Brasil.

Assim, antes de sair de casa para qualquer lugar do mundo, conscientize-se de sua latinidade, leia autores sobre o tema, entenda que não é a cor da sua pele que vai definir a leitura racial que as pessoas vão fazer de você, e trabalhe seu psicológico nisso para que os efeitos não existam ou sejam manejáveis [Mignolo, 2007; Quental, 2013]. O norte global é racista, mesmo cidades que foram berço de discussões raciais e de direitos civis como Atlanta, nos EUA, e alguns discursos se propagam como “só são negros os nascidos nos Estados Unidos”, então é bom estar atento e ciente.

Os custos financeiros, sociais e afetivos

Bolsas de estudos e financiamento não são suficientes para cobrir todos os custos necessários para uma formação no exterior. Nunca serão. Esta informação quase ninguém fala. Então, caso você não tenha a possibilidade de afastamento remunerado do seu trabalho, como as UFs e os IFs proporcionam, ou apoio da instituição em que trabalha, fique atento a isto. Se você já tem uma carreira estruturada no Brasil e um padrão de vida confortável, ele irá cair. Este é o principal custo que você vai arcar neste sentido.

Socialmente, conforme discutido nas seções anteriores, você pode ter dificuldade de se encaixar, mas a maior dificuldade é a distância do seu círculo social de casa. Seus amigos, sua família, seus colegas, todas as pessoas para quem você pode telefonar e encontrar após o trabalho ou nos finais de semana estarão a milhares de quilômetros de distância. Mesmo que alguém vá contigo, seus filhos, seu marido, sua esposa, namorado, namorada, seus *pets*, quando estiver no exterior sempre haverá alguém distante com quem você gostaria de estar em datas comemorativas e não vai poder. Este é um preço alto a se pagar. Talvez o mais alto.

Esta distância social tem efeitos afetivos importantes. Por um lado, ao reencontrar estas pessoas tudo é muito alegre, mas você vai embora novamente em poucos dias ou semanas, mesmo sem vontade de ir. Você está longe da afetividade da cultura, do conforto do conhecido, de saber como tudo funciona, e mesmo que passe décadas em um lugar, ao ter se mudado para ele já adulto, ele sempre será uma roupa justa que não cai tão bem. Seus amigos farão aniversário, farão novos amigos, pessoas nascerão e morrerão, dias das mães e dos pais passarão, as crianças crescerão, e você não estará lá. Você pode ser a tia ou tio que sempre chega com presentes legais, mas não será presente.

É preciso estar preparado para esta realidade e até mesmo buscar ajuda em grupos de apoio, se for necessário, porque é uma verdade imutável: o tempo vai passar sem você. Seus motivos para passar um longo tempo no exterior devem fortes, seus objetivos bem determinados, e a escolha deve ser consciente.

Invalidação

Não se preocupe, pois a lembrança de que você é “apenas um latino” vai estar presente, ainda que disfarçadamente. O que quer dizer que você poderá ser visto como menos capaz, inteligente e racional. Em ambientes mais internacionalizados, a exemplo do CERN, a probabilidade de isto acontecer é muito menor, mas ela sempre existe quando cruzamos as fronteiras da América Latina. Em cursos de formação de professores de curta duração, o ambiente é sempre mais amigável e colaborativo, então estes ambientes são propícios a primeiras experiências de formação no exterior muito mais que partir diretamente para uma pós-graduação plena no norte global.

Vale ressaltar aqui que eu disse antes que os brasileiros são muito bem-vistos no exterior e depois citei situações de preconceito, e as duas coisas podem parecer incoerentes, mas não são. As instituições, a academia, a indústria científica vê muito bem o brasileiro, porém nem todas as pessoas que compõem estas instituições compartilham desta visão. E veja que me referi ao fato de sermos latinos, ou seja, os demais latinos podem dividir conosco estas experiências complicadas de socialização.

Das referências

Nós somos formados na academia brasileira a partir de autores majoritariamente brasileiros e europeus, raramente norte-americanos. Historicamente, pela nossa colonização, viemos de uma escola de pensamento europeu e temos uma língua que possibilita uma linha de raciocínio mais próxima do raciocínio de outros europeus, como franceses, espanhóis e italianos, por exemplo. Por muito tempo seguimos o “figurino francês” [Ouriques, 2021; Vilhena Junior, 2024]. Mas ao chegarmos a instituições anglófonas, especialmente na América do Norte, a norma é o uso de autores do próprio país, que nunca vimos antes.

Ao mesmo tempo, chegamos a estas instituições com uma formação excelente, pois nossas universidades são excelentes, e temos embasamento e referências para diversas discussões, mas não temos as referências “certas”. Foi nesse processo que tive um professor que solicitou que eu não citasse autores brasileiros em meu trabalho, uma problemática que vai contra um importante guia de inclusão que citarei mais à frente. É um comportamento estranho para a academia, pois bastaria a utilização de uma ferramenta de tradução, o uso da /A do próprio Google® ou do Adobe Acrobat®, e o professor poderia, facilmente, se familiarizar com as referências usadas.

Mas, no raciocínio do colonizador, por que haveria este interesse se as referências são de autores latinos? Qual a validade dos latinos e o que eles podem trazer para qualquer discussão que um norte-americano, ou um europeu, não teria feito melhor? Desta forma, gera-se uma urgência no acadêmico de reelaborar seu arcabouço teórico, sem uma necessidade concreta, apenas para se adaptar à invalidação das referências acadêmicas que traz consigo durante toda sua formação. O resultado é uma sobrecarga intelectual desnecessária no estudante imigrante, muito superior à dos seus colegas que estão apenas somando aos seus arcabouços, enquanto o estrangeiro está reelaborando todo o seu.

Das reflexões

Assim como as referências latinas são consideradas inválidas, também sua capacidade cognitiva é considerada diminuta. Basta ver a representação dos latinos na cultura *pop*. E isto se reflete nas salas de aula das universidades quando as participações dos latinos nos debates propostos são ignoradas e as de seus colegas são reconhecidas e usadas para problematizações e sequência das discussões. Ademais, há reduzido *feedback* nas produções acadêmicas das disciplinas por parte dos professores e desrespeito por parte dos colegas, como provocações, frente às quais os professores não tomam atitudes.

Especificamente, os Estados Unidos têm adotado uma cultura de não discutir assuntos desconfortáveis, diferindo muito da academia brasileira na qual nenhum assunto é proibido e grandes debates se originam ou ganham respaldo acadêmico. Dessa forma, a lógica de incluir dois lados de uma situação em um debate, se colocar no lugar do outro, e analisar os diversos contextos, fica extremamente prejudicado. Que debate é esse?

Lembro claramente de uma situação quando estávamos conversando em aula sobre o início dos conflitos entre Israel e Palestina. Todos estavam muito consternados com as mortes em Israel, e eu também. Mas comentei com meus colegas que, apesar da tristeza do momento, esta era uma boa oportunidade para refletirmos o porquê do surgimento de grupos como o *Hamas*, suas origens históricas e políticas. Um grande silêncio se abateu sobre a sala como se eu tivesse proposto algo absurdo. No meu olhar de acadêmica brasileira, não defendi nenhum dos lados, pelo contrário, me solidarizei e me solidarizo com todas as vítimas, porém grupos rebeldes e extremistas surgem por razões históricas, não brotam do chão, e estas razões precisam ser objeto de reflexão de todos os sujeitos. Após o silêncio constrangedor que me fez sentir diminuída e inadequada, a professora deu início à aula. Fico imaginando qual teria sido a postura dela se o mesmo comentário tivesse partido de um dos meus colegas, seu conterrâneo norte-americano.

Das experiências

Comecei minha vida na docência com dezesseis anos, lecionando no cursinho de inglês onde era estudante. Isso quer dizer que antes dos quarenta anos já tinha vinte anos de experiência em ensino de inglês, matemática, estatística, cálculo e física, para diversos níveis de ensino, da pré-escola ao Ensino Superior. Mesmo assim, todas as vezes que estive no exterior e dividi com os colegas de cursos a minha experiência, recebi olhares de dúvida quanto a isto. Seria pela minha idade ou pela minha origem? Não vi ninguém do norte global receber os mesmos olhares inquisidores ou de descrença ao dividirem qualquer experiência profissional com os colegas. O mesmo aconteceu quando dividi alguma experiência que tive em outros institutos ou universidades durante minha graduação, mestrado, ou formação complementar no CERN, IQC, e PI. Sempre houve um olhar de dúvida, como se fosse bom demais para que eu tivesse feito, bom demais para mim. Como se eu não tivesse direito a minha história.

Da narrativa

O conceito de *intersectionality* e a *narrative analysis* foram novidades para mim durante meu doutorado. Não foram conceito e metodologia de pesquisa com os quais eu tive contato na graduação e mestrado, ainda que tivesse ouvido falar sobre eles. Em uma disciplina específica, nos aprofundamos em como a interseccionalidade das identidades do sujeito influenciam sua visão e leitura da realidade, o que já é debatido no Brasil há bastante tempo e

tem ganhado força principalmente nos últimos vinte anos. Durante esta disciplina, eu sempre trouxe como referência o conceito de “lugar de fala³” da Djamila Ribeiro [2019], e como ele pode se conectar com a análise das narrativas dos sujeitos, entendendo nosso lugar como pesquisador e dos sujeitos de nossa pesquisa, além de compartilhar as iniciativas e experiências desenvolvidas no *campus* onde trabalho. Ainda assim, mesmo minhas colaborações ressonando com o que era pedido para as discussões, elas eram desconsideradas e invisibilizadas, bem como quando eu compartilhava alguma realidade brasileira em comparação com a realidade local como forma de análise de tópicos propostos.

Não apenas nessa, mas em diversas disciplinas houve uma desconfiança da minha narrativa, fosse ela sobre minha vida pessoal, acadêmica, ou profissional, como se tais experiências não fossem relevantes para as discussões, ainda que as semelhantes compartilhadas por colegas fossem consideradas perfeitamente adequadas. Um dos maiores descasos ou desrespeitos se deu quando, uma colega e eu, resolvemos usar a música “Negro Drama” dos Racionais MCs para introduzir uma discussão em nossa apresentação final do semestre. A professora, que fazia questão de ver a apresentação previamente, algo que jamais vi antes em toda minha vida acadêmica e muito menos no doutorado, insistiu que apenas uma parte do vídeo fosse utilizado, pois o considerou muito longo. Entendo a colocação dela. Um vídeo de cerca de seis minutos pode ser considerado um pouco longo, mas a música é uma expressão de uma discussão e problemáticas sociais, além de uma expressão cultural brasileira muito cara a mim, e foi um grande desrespeito pedir para usar apenas um trecho, considerando como uma obra qualquer uma música e um *clip* de alguns dos artistas brasileiros que mais respeito. Insisti e disse que usaria o vídeo como foi idealizado e realizado, ou não usaria, e o usamos. Claro, para ela, que o via pela primeira vez, era uma obra qualquer. Mas qual não é a hipocrisia do oprimido ao não reconhecer a importância da cultura do outro e o peso de uma expressão cultural, ou não perguntar sobre isso para sabê-lo, enquanto ministra uma disciplina em que se discute *multicultural education*.

Outra professora, de uma das disciplinas de metodologia de pesquisa educacional que precisei cursar reservava um tratamento muito “peculiar” aos estudantes latinos. Na verdade, o tratamento é bastante comum e deriva da imagem do latino cognitivamente incapaz. Ela apenas passou a me tratar com respeito nas duas últimas semanas de aula, quando descobriu que ambas pesquisamos ensino de Surdos, e que eu já tinha um livro publicado. Apenas então, ela passou a se dirigir a mim com o mesmo tom de voz respeitoso que reservava aos que ela considerava seus iguais, ou seja, nascidos nos EUA. Minha origem me tornava indigna de respeito, foram apenas minhas conquistas acadêmicas que “elevaram” meu *status* a um ser humano merecedor de um tratamento igual o dispensado aos colegas norte-americanos.

Se eu estivesse em uma cidade esmagadoramente branca e em uma universidade que não se publicizasse tanto como inclusiva e multicultural, estas invalidações de narrativa e existência seriam até esperadas, pois estas discussões de inclusão, aceitação, respeito, não estariam tão presentes. Mas não era o caso. Não há apenas uma hipocrisia individual em relação ao estrangeiro, mas institucional, com concessões, tolerância, e facilidades sendo oferecidas ao nativo que não se estendem ao aluno estrangeiro, ou *alien*. Reiterando, estas são experiências locais e pessoais, e que dificilmente vão ser vividas em cursos de curta duração por estarem relacionadas à presença prolongada do sujeito no ambiente, o *status* que ele ocupa ali, e como se apresenta neste ambiente.

³ “Lugar de fala” se refere às posições social, política, econômica e cultural que o sujeito ocupa e que influencia sua interpretação da realidade, sua identidade e, consequentemente, suas opiniões [Ribeiro, 2019].

A expectativa para o estrangeiro é sempre de um papel de submissão, nunca de proposição e liderança, em qualquer país, como se a pessoa precisasse chegar de cabeça baixa e pedindo licença para existir nos ambientes. Quando alguém está na mesma universidade ou empresa que nós, é porque ela tem credenciais para isso e não precisa de nenhuma outra permissão além do processo seletivo pelo qual passou. Lembre-se disso quando for você: não haja como se precisasse sentar-se na ponta do sofá, faça seu melhor e mostre seu melhor, sem medo nem vergonha.

A limitação das referências e reflexões

Já discutimos aqui e sabemos que o diploma e os certificados obtidos no exterior podem abrir diversas portas no Brasil e fora dele. Mas a colonização ideológica pela qual passamos também nos leva a acreditar que todas as universidades do norte global são melhores que as nossas. Ok, algumas podem ser, de acordo com os marcadores dos *rankings* do norte global, mas também há um fetiche acadêmico por algumas grandes instituições de Ensino Superior que tiveram seu *marketing* muito bem-feito ao longo das décadas como Harvard, Yale, Brown, UCLA, Oxford, Cambridge, Imperial College, e Sorbonne, para citar aquelas que eu cresci vendo em filmes e séries e onde sonhava estudar. Sinto dizer que quase fui aprovada em uma delas e na outra não fiquei nem no quase, mas com o tempo, lendo os trabalhos desenvolvidos nestas universidades e lembrando-me do apreço que tenho pela criticalidade e reflexividade da academia brasileira, passei a perceber que nem todos os trabalhos desenvolvidos nestas universidades têm tanta qualidade quanto a marca que carregam, e que às vezes esta própria marca é maior justificativa para suas conclusões do que a indução a partir dos dados obtidos em suas pesquisas.

Você pode questionar meu raciocínio alegando que estas universidades publicam um imenso número de DOIs todo ano, o que é verdade, mas elas também têm milhões e bilhões de dólares, libras, e euros, o que levaria a uma produção científica massiva em qualquer universidade ou instituto público do Brasil. Há uma diferença considerável nos sistemas de submissão de trabalhos acadêmicos no Brasil e no exterior. Enquanto nossa norma é a *double-blind peer review submission*, em que o autor submete o trabalho sem seus nomes e os revisores não sabem quem eles são, e vice-versa, no exterior há a escolha de *open peer review submission*, *single-blind peer review submission* e *double-blind peer review submission*, sendo que, no primeiro, todos sabem os nomes de todos, e no segundo, os revisores e editores de seção sabem quem são os autores. Como revisora para revistas no Brasil e no exterior, já recebi *single-* e *double-blind peer review submissions*, e para mim não há diferença de avaliação, porém, dependendo da universidade de origem do autor, quem ele seja, e quem seja o revisor, esse revisor pode ser afetado pelas informações dos autores. Neste caso, o revisor deveria se declarar incapaz de realizar esta avaliação, assim como um juiz declara suspeição para julgar um caso, mas esta é uma questão ética que fica a cargo de cada um. Assim, não podemos dizer que os autores destas universidades mais famosas, com *brandings* muito bem-feitos, não têm mais facilidade de publicar seus trabalhos por sua afiliação acadêmica.

Há quase um corporativismo, um nacionalismo, até nas referências acadêmicas utilizadas na formação de nível superior nos Estados Unidos, mas também no norte global de forma geral. Enquanto lemos e usamos referências variadas, as que achamos mais interessantes, o norte global retroalimenta seus *h-index* citando seus conterrâneos, uns aumentando os índices de produção acadêmica dos outros. Também há o fato de “reinterpretações” por autores locais de obras internacionais. Não é incomum você ler uma referência, livro ou artigo, discutindo conceitos ou métodos, e se recordar de algo similar que viu anteriormente. Ao comparar ambas as obras, você verá que o segundo publicou uma reinterpretação bastante disfarçada do

primeiro, mas sem originalidade, e então, no país dele, esse segundo autor será referenciado e celebrado. Se o Brasil adotasse essa tática, muito rapidamente nossos índices de produtividade acadêmica explodiriam, mas não, valorizamos a originalidade, a honestidade intelectual, e estamos corretos, porém olhar para nossos autores conterrâneos e adotarmos a nós mesmos, o Brasil, como nosso arcabouço teórico pode ser uma forma de, sem investimentos financeiros, melhorar nossos índices internacionais e atrair olhares acadêmicos. Com eles, pode vir financiamento, e a formação de um ciclo virtuoso de produção intelectual.

A realidade da diferença do nível de formação acadêmica

Se podemos questionar a qualidade das publicações das grandes universidades, também são passíveis de questionamento as discussões realizadas em salas de aula de pós-graduação tanto nestas quanto em menos prestigiosas universidades do exterior. Apesar de podermos sempre questionar e discutir a qualidade do ensino no Brasil, as universidades públicas têm um padrão excelente, e mesmo algumas particulares. Eu já tinha certeza disso mesmo antes de chegar para meu doutorado nos EUA, mas levei comigo a esperança de encontrar uma discussão aprofundada, conceitual a partir ou não de exemplos concretos, leituras de clássicos, ou publicações atuais diversificadas, principalmente em origem, uma vez que, como falei nas seções anteriores, a universidade debate e foca muito em multiculturalidade. Ledo engano.

Apesar de saber do privilégio da minha bolha acadêmica e profissional, ainda me senti frustrada ao encontrar uma realidade acadêmica aquém do que esperava. Na maioria das disciplinas havia discussões superficiais, palestrantes limitados para responder perguntas relacionadas às suas próprias publicações, referências datadas ou as atuais escolhidas por ligação pessoal dos professores com os autores, e referências clássicas que eu já tinha lido e debatido na graduação, por exemplo. Essas e outras situações me fizeram sentir que o nível de doutoramento residia mais na quantidade de produção esperada dos alunos que no nível desta. Muitos debates buscando soluções para inclusão de estudantes e multiculturalidade, nem sequer tocavam em ações tradicionalmente realizadas no meu *campus* de atuação profissional no Brasil. Leciono no Brasil em uma região majoritariamente branca, ou seja, se eu ensinasse uma ciência branca e masculina, sem debater com meus alunos o quanto ela é enviesada, pouco problema eu teria além do descompasso com a atualidade e minha própria consciência. Ainda assim, em uma universidade e cidade fortemente negras, ainda se debate se e como fazer essa abordagem. Parece uma reflexão dura? Mais dura é a realidade de que a universidade não debate a branquitude do corpo docente das escolas “porque isto é uma questão social profunda”, como ouvi de um professor muito próximo. Ora, se não é na universidade que devem ser debatidas as questões sociais profundas, onde é?

Entendi o nível de qualidade da formação nas instituições de Ensino Superior brasileiras, não apenas quanto às referências variadas em origens e tempo histórico que usamos, mas o quão profundo debatemos, o quão sem medo, sem amarras, na busca de mudanças e melhorias sociais. É claro que temos espaço para mudança, sempre teremos. A educação brasileira é subfinanciada em todos os níveis, e ainda assim, fazemos um excelente trabalho porque nos formamos críticos e nada é pior para uma sociedade que cidadãos, e principalmente professores, acrícos.

A falsa inclusão e aceitação dos seus e dos outros

Com a universidade norte-americana sendo subserviente à sociedade e não discutindo seus problemas, não gerando desconforto e nem enfrentando as problemáticas necessárias, a postura combativa com a qual estamos acostumados no Brasil, simplesmente, não existe. Desafiar a sociedade é malvisto, então a universidade forma educadores que servem à estrutura social vigente, não a desafiam, perpetuando desigualdades e educando para contorná-las, mas não enfrentá-las. Assim, professores e pesquisadores são formados para perpetuar o *status quo*, ainda que com uma roupagem de reflexão crítica. Os oprimidos se tornam opressores, mas continuam oprimidos, uma vez que muitos destes educadores são negros.

É uma atuação para fazer caber no paradigma o que não se encaixa mais nesta realidade, ao invés de buscar a superação deste e construção de um novo paradigma social. Qual é, então, o objetivo de educar professores? Educá-los para que sejam reformistas, mas jamais revolucionários? Assim, as aspirações de igualdade socioeconômica e suas discussões parecem satisfeitas através do debate e da, levemente, modificada didática e dinâmica na sala de aula, mas não o suficiente para desafiar as estruturas de poder. Então as “Karens”⁴ ainda poderão ficar tranquilas com seus filhos brancos sendo educados por uma esmagadora maioria de professores brancos, mas que agora sabem usar uma linguagem mais inclusiva e que protegerão, talvez, esses filhos de *bullying*.

Ao invés de abordar e enfrentar a própria estrutura da sociedade em sala de aula, trabalhando pedagogicamente sob uma perspectiva revolucionária, *teachers* e *professors* tremem à mera menção de Karl Marx. Ao mesmo tempo, citam e alegam usar uma perspectiva freiriana em sala de aula. Freire era um revolucionário da educação, buscando formar o sujeito para alterar sua realidade, revolucionar seu mundo. Como pode uma educação reformista, ou melhor, conformista, se dizer freiriana apenas por permitir que os alunos tragam de suas realidades problemas a serem abordados em atividades pedagógicas? Mesmo assim, acontece reiteradamente [Higgins *et al.*, 2019].

Uma sociedade que não enfrenta seus problemas nem mesmo em discussões acadêmicas está condenada a perpetuar um *status quo* misógino, racista, classista, e socioeconomicamente excludente de todas as formas. Quando a opressão não pode ser aplicada entre seus conterrâneos, ela é estendida para os estrangeiros neste país. É um processo presente tanto no norte quanto no sul global, nos colonizadores e nos colonizados, mas mais forte nos colonizadores através de discursos violentos e de invalidação que perpassam até mesmo a autopercepção racial do indivíduo, despersonalizando-o de aspectos caros ao entendimento de sua personalidade.

A humanidade da academia ainda surpreende, talvez por minha origem nas Ciências Exatas e a ilusão positivista de objetividade que assombra. Dentro da academia, as questões serem debatidas ou discutidas sem deixar de lado aspectos não racionais deve ser uma das expectativas mais “brancas” que já levei para esse ambiente. E, apesar de todos os problemas, a obsessão de Atlanta com *intersectionality* me trouxe essa reflexão.

⁴ “Karen” é o termo para se referir às mulheres Brancas estadunidenses que demonstram claro ódio de classe e raça.

O reflexo local do Pacto do Norte Global da academia

Assim como falamos em pacto da branquitude, podemos falar em Pacto do Norte Global, em que os filhos do privilégio colonizador se apoiam mutuamente. Isto acontece de diversas formas e em diversas esferas, não excluindo a academia. Quem lê os latinos? Ou melhor, quem lê os latinos além de Paulo Freire?

Ainda que possamos considerar o peso da tradição multicentenária das universidades e produções científicas do velho continente e a influência na tradição acadêmica norte-americana, como latinos não podemos ignorar o fato e o peso da origem de um autor ou de uma publicação em seu alcance e considerada relevância. Quebrar essa barreira é algo difícil e extraordinário. Isso acontece na moda, no cinema, na música, por que não aconteceria na ciência?

Poderíamos pensar que isto é um movimento natural de cada tradição acadêmica ler seus autores, mas há mais por trás dessa dinâmica. Selecione produções acadêmicas dos últimos 30 anos, de diversas áreas do conhecimento e diversas origens geográficas. Analise as referências usadas quanto a origem geográfica e como elas se relacionam com a origem do artigo escolhido. O que vemos é que o sul global cita consideravelmente o norte global, mas o norte global cita o norte global. Será apenas por mérito acadêmico? Será por alcance destas produções do norte global? E se sim, por que elas têm mais alcance? E se for por um pretenso mérito acadêmico, você já leu um artigo escrito por pesquisadores de alguma “grande e tradicional” universidade do norte global e se perguntando onde estaria a grandeza? Se você nunca fez essa reflexão, aconselho que faça.

Sou *peer reviewer* de revistas acadêmicas no Brasil e no exterior, e em todos os lugares vemos produções acadêmicas boas e ruins. Porém, temos a tendência colonizada de pensar que o trabalho no exterior tem mais mérito ou qualidade, talvez porque os sistemas e modos de operação da academia mundial tenham sido determinados pelo norte global. Exceto algumas exceções, não se deixe enganar com a ilusão de excelência do norte global. Se a métrica fosse a mesma em tudo e para todos, Fernanda Montenegro teria ganhado o Oscar por sua atuação em “Central do Brasil”, e não Gwyneth Paltrow por “Shakespeare Apaixonado”.

O colonizador não é mais erudito se apenas o que ele produz é considerado erudito. Será que não teríamos índices de produção e qualidade acadêmica muito superiores caso fôssemos nós a determinarmos as métricas? Não é o caso de pensarmos que estamos em um patamar de absoluta excelência. Longe disso. A ciência no Brasil carece de investimento, plano de carreira, reconhecimento como profissão e estes são alguns motivos para os meus contemporâneos, e amigos próximos, mais geniais terem imigrado para a Suécia, Inglaterra e Estados Unidos.

Porém, não seria o caso de focarmos academicamente mais na América Latina, citarmos mais a América Latina? A escolha das nossas citações e referências não parece tão relevante, mas é. Cada citação conta para índices de produção e excelência, assim como cada produção como autor ou coautor, e isso reflete nas instituições e na empregabilidade dos pesquisadores internacionalmente. Mesmo para os pesquisadores que ficam no Brasil, são seus índices que os darão reconhecimento e alguma igualdade de poder e representatividade em sociedades e associações de classe no exterior, das quais não devemos deixar de participar. É através de nosso número de citações, livros publicados, relevância acadêmica, que podemos nos colocar em pé de igualdade frente ao desbalanço de poder do norte contra o sul global.

O processo de reconhecimento do diploma no Brasil

Você decidiu fazer um mestrado ou doutorado fora do país e agora vai voltar para casa. Os diplomas obtidos no exterior não são automaticamente válidos, devem passar por um processo de reconhecimento através do portal Carolina Bori do Ministério da Educação. Esta necessidade é o menor das dificuldades de todo processo já discutido acima quanto à escolha de cursar pós-graduação no exterior, mas é interessante que você cheque quais diplomas já foram reconhecidos da universidade onde você planeja estudar.

De maneira geral, dentro do portal Carolina Bori, você vai escolher uma universidade e programa de pós-graduação através do qual quer fazer o reconhecimento, enviar os documentos pelo portal, sendo que podem ser pedidos adequadamente traduzidos, e aguardar o primeiro parecer. Este primeiro parecer pode solicitar mais informações ou que você cumpra atividades complementares como provas ou disciplinas. Depois disso, é só aguardar o deferimento final da instituição. Portanto, é um processo que pode levar algum tempo, e considere este aspecto e seu impacto nos seus planos que fizer para seu retorno ao Brasil.

Oportunidades correlatas no Brasil e a importância da disseminação das oportunidades

Apesar das possíveis dificuldades, experiências no exterior trazem oportunidades riquíssimas de vivências culturais. No entanto, conforme já discutimos, a dificuldade de financiamento, barreira linguística, incentivos para capacitação, como licenças, e questões pessoais, podem impossibilitar o afastamento da rotina ou da residência por uma semana ou mais para muitos professores. O que torna infatível para grande parte dos professores aproveitarem as oportunidades em outros países. Felizmente, existem no Brasil diversas oportunidades correlatas, inspiradas ou derivadas destes cursos do exterior, além dos elaborados por brasileiros, que em nada perdem para os elaborados no restante do mundo.

Projetos de extensão de UFs e IFs

As universidades e institutos federais são um celeiro enorme de oportunidades de formação continuada de professores através de cursos de extensão e pós-graduação. Os cursos de extensão podem ter oferta recorrente, se fizerem parte de um programa de extensão, ou serem de edição única, caso sejam aprovados em editais pontuais. Muitas instituições oferecem cursos *online*, além dos presenciais, portanto, acompanhe os portais dos programas de graduação e pós-graduação das universidades e institutos federais, inscreva-se nas *newsletters*, além de se associar na Sociedade Brasileira de Física [SBF], que envia semanalmente *newsletter* com oportunidades de trabalho e formação aos sócios.

ICTP-Saifr presencial e virtual

O *International Centre for Theoretical Physics – South American Institute for Fundamental Research* [ICTP-Saifr] é ligado à UNESP e fica em São Paulo. Assim, a maioria de seus cursos presenciais é oferecida na capital, porém anualmente são ofertadas oportunidades em capitais de outros estados e frequentemente oportunidades de formação *online*. O *site* do instituto traz a programação completa e a equipe trabalha em parceria com o *Perimeter Institute* para trazer as mesmas atividades de formação ofertadas no Canadá aos professores brasileiros.

INPE – astronomia

O Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) oferece anualmente o curso de Introdução à Astronomia e Astrofísica. No *site* do instituto há *link* para o evento e disponibilidade de todos os materiais trabalhados. O curso é ofertado em julho, durante cinco dias, na sede do INPE em São José dos Campos – SP, e é excelente para estudantes de graduação, pós-graduação e professores. É um curso intenso. Frequentei-o em 2018 e o faria novamente para aprofundar a aprendizagem de alguns conceitos e atividades, principalmente porque astronomia e astrofísica nunca foram meus tópicos preferidos durante minha formação acadêmica, porém meu *campus* tem resultados excelentes em olimpíadas dessa área, e, ainda que realizemos trabalho de preparação com os alunos, eu estando mais bem preparada, posso ajudar a potencializar os resultados alcançados.

Conclusão

O objetivo desta reflexão é ser um ponto de partida, não esgotar a discussão ampla sobre as oportunidades de formação de professores, e a necessidade de descolonização da academia mundial. O papel do professor-pesquisador nesse processo é essencial como sujeito da ação e multiplicador, e agente de mudança social. Você pode se perguntar, no entanto, o porquê então de eu ter utilizado tantas referências do norte global, e a resposta é simples: no momento que escrevi este texto, estava no norte global. Ou seja, as minhas buscas e leituras estavam baseadas e retornando resultados desta posição geográfica. Isso corrobora o argumento da indexação e do acesso relativo a diferentes autores em diferentes lugares do mundo.

Também podemos nos perguntar, afinal, por que deveríamos ir ao norte global para formações quando queremos valorizar o sul global? A verdade é que não devemos, mas podemos. Pouco antes de embarcar para meu doutorado no exterior, conversei com um amigo exatamente sobre esse assunto, dizendo que estava me sentindo mal por estar indo estudar fora da América Latina, justamente pela crença na necessidade desta valorização. Lembro que ele me disse, calmamente, “Camila, somos colonizados e explorados continuamente pelo norte global. Vá buscar o seu quinhão e traga de volta para nós”.

Então, não se sinta mal em ir aprender, produzir e carregar o nome do Brasil pelo mundo, construir seu nome, e voltar para o Brasil trazendo novas discussões e socializando seu aprendizado através de projetos de pesquisa, de extensão e publicações. Receba sua bolsa em moeda estrangeira, viva, aprenda, ensine, estude, trabalhe, e volte, preferencialmente. Se decidir não voltar, tudo bem, a escolha é sua, a vida é sua, mas o Brasil estará sempre aberto a todos e merece que voltemos para colaborarmos para a melhoria contínua do nosso país.

Referências

AMERICAN PHYSICAL SOCIETY. **Advancing physics, together**. 2024. Disponível em: <https://www.aps.org/>. Acesso em: 27 out. 2024.

ARBUCKLE, A.; ADEMA, J.; ORTEGA, É. Editors' Gloss: The Problem with Monolingualism in Academic Knowledge Production. **The Journal of Electronic Publishing**, v. 27, n. 1, p. 33-40, 2024. DOI: <https://doi.org/10.3998/jep.6258>. Disponível em: <https://journals.publishing.umich.edu/jep/article/id/6258>. Acesso em: 17 nov. 2025.

ASSIS, L. **Estados Unidos e América Latina**: a divisão racializada de um continente. Curitiba: Editora Appris, 2023.

BIHARI, A.; TRIPATHI, S.; DEEPAK, A. A review on h-index and its alternative indices. **Journal of Information Science** [online], v. 49, n. 3, p. 624-665, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1177/01655515211014478>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/01655515211014478>. Acesso em: 17 nov. 2025.

CAMPOS, L. A. M.; MARINS, J. S.; RAMOS, M. C. N.; SILVA, J. C. T., OLIVEIRA, T. M. A.; BEHAR, C. O que são estereótipos. **Ciência Atual**, v. 17, n. 2, p. 1-11, 2021. Disponível em: <https://revista.saojose.br/index.php/cafsj/article/view/520>. Acesso em: 17 nov. 2025.

CAMPOS, P. H. F.; LIMA, R. C. P. Capital simbólico, representações sociais, grupos e o campo do reconhecimento. **Cadernos de Pesquisa**, v. 48, n. 167, p. 100-127, 2018. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/4283>. Acesso em: 17 nov. 2025.

CENTRO BRASILEIRO DE PESQUISAS FÍSICAS. **Escola de Física CERN**. 2024. Disponível em: <https://mesonpiold.cbpf.br/renafae/escolacern/>. Acesso em: 22 out. 2024.

CERN. **CERN Teacher Programmes**. 2024. Disponível em: <https://teacher-programmes.web.cern.ch/>. Acesso em: 22 out. 2024.

DATTA, R.; CHAPOLA, J. Decolonizing autoethnography. /n. OKOKO, J. M.; TUNISON, S.; WALKER, K. D. [ed.]. **Varieties of qualitative research methods**: selected contextual perspectives. New York: Springer, 2023. p. 121-126. DOI: https://doi.org/10.1007/978-3-031-04394-9_20. Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-031-04394-9_20. Acesso em: 17 nov. 2025.

EDUCATION TESTING SERVICES. **TOEFL**. 2024. Disponível em: <https://www.ets.org/toefl.html>. Acesso em: 27 out. 2024.

FREIRE, P. **Pedagogy of the oppressed**. Tradução M. B. Ramos. 30th anniversary ed. New York, NY: The Continuum International Publishing Group, 2005.

FREIRE FILHO, J. Mídia, Estereótipo e Representação das Minorias. **ECO-PÓS**, v. 7, n. 2, p. 45-71, 2004. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/1120. Acesso em: 17 nov. 2025.

FRERES, H. A. **A educação e a ideologia da empregabilidade**: formando para o [des]emprego. 2008. 142 f. Dissertação [Mestrado em Educação] – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2008. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/3042>. Acesso em: 27 ago. 2025.

GABRIEL, J. **Whitewash**: racialized politics and the media. New York: Routledge, 1998.

GARBE, S. An autoethnography of and in solidarity: Post- and decolonial critique and autoethnographic positioning analysis. **Qualitative Inquiry**, v. 30, n. 8-9, p. 695-704, 2024.

GASPARIN, C. A internacionalização como caminho acadêmico e os usos dos termos “extension” e “outreach”. **Caminho Aberto**: revista de extensão do IFSC, v. 17, p. 1-11, 2023. DOI: <https://doi.org/10.35700/2359-0599.2023.17.3563>. Disponível em: <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/caminhoaberto/article/view/3563>. Acesso em: 18 nov. 2025.

GASPARIN, C.; VERÍSSIMO, D.; LOPES, J. A escola de física do CERN: preparação e perspectivas. /n: MARAVIESKI, S. P. [org.]. **Pesquisa em ensino de física 2**. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019. p. 1-7. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/432688/1/E-book-Pesquisa-em-Ensino-de-Física-2.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2025.

HIGGINS, M.; MAHY, B.; AGHASALEH, R.; ENDERLE, P. Patchworking Response-ability in Science and Technology Education. **Reconceptualizing Educational Research Methodology**, v. 10, n. 2-3, p. 356-383, 2019. DOI: <https://doi.org/10.7577/term.3683>. Disponível em: <https://journals.oslomet.no/index.php/term/article/view/3683>. Acesso em: 17 nov. 2025.

ICTP-SAIFR. **International Centre for Theoretical Physics**: South American Institute for Fundamental Research. 2024. Disponível em: <https://www.ictp-saifr.org/>. Acesso em: 27 out. 2024.

IELTS. **International English Language Testing System**. 2024. Disponível em: <https://ielts.org/>. Acesso em: 27 out. 2024.

IGNÁCIO, N. A. **O controle das mídias pelo Norte Global como reforço da colonialidade**. 2023. 27 f. Trabalho de conclusão de curso [Bacharelado em Relações Internacionais] — Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/37142>. Acesso em: 27 ago. 2025.

IOP. **Institute of Physics**. 2024. Disponível em: <https://www.iop.org/>. Acesso em: 27 out. 2024.

KHELIFA, R.; MAHDJOUB H.; BAALOUJ A.; CHAIB, S. Language of citation and publishing performance of graduate students in French-speaking countries with different economic and linguistic advantages. **FACETS**, v. 7, p. 71-81, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1139/facets-2021-0073>. Disponível em: <https://www.facetsjournal.com/doi/10.1139/facets-2021-0073>. Acesso em: 17 nov. 2025.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2013. [Debates].

LOBACHEV, S. Top languages in global information production. **Partnership: The Canadian Journal of Library and Information Practice and Research**, v. 3, n. 2, p. 1-12, 2008. DOI: <https://doi.org/10.21083/partnership.v3i2.826>. Disponível em: <https://journal.lib.uoguelph.ca/index.php/perj/article/view/826>. Acesso em: 17 nov. 2025.

MASSAGLI, S. R. A falsa representação da identidade brasileira na construção do personagem Zé Carioca da Disney. **Literartes**, v. 1, n. 8, 2018. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9826.literartes.2018.139877>. Disponível em: <https://revistas.usp.br/literartes/article/view/139877>. Acesso em: 17 nov. 2025.

MIGNOLO, W. D. Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, n. 94, e329402, 2017. DOI: <https://doi.org/10.17666/329402/2017>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/abstract>. Acesso em: 17 nov. 2025.

MIGNOLO, W. D. Coloniality of power and de-colonial thinking. **Cultural Studies**, v. 21, n. 2-3, p. 155-167, 2007. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/09502380601162498>. Acesso em: 17 nov. 2025.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Portal Carolina Bori**. Revalidação/reconhecimento de diplomas estrangeiros. 2024. Disponível em: <https://carolinabori.mec.gov.br/>. Acesso em: 22 out. 2024.

MONDAL, H.; DEEPAK, K. K.; GUPTA, M.; KUMAR, R. The h-Index: Understanding its predictors, significance, and criticism. The h-Index: understanding its predictors, significance, and criticism. **Journal of Family Medicine and Primary Care**, v. 12, n. 11, p. 2531-2537, Nov. 2023. DOI: https://doi.org/10.4103/jfmpc.jfmpc_1613_23. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/38186773>. Acesso em: 17 nov. 2025.

MONTGOMERY, S. Of towers, walls, and fields: perspectives on language in science. **Science**, v. 303, n. 5662, p. 1333-1335, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1126/science.1095204>. Disponível em: <https://www.science.org/doi/10.1126/science.1095204>. Acesso em: 17 nov. 2025.

MORI, R. H. **A construção do estereótipo positivo do estudante nipo-brasileiro**. 2022. Dissertação [Mestrado em Língua, Literatura e Cultura Japonesa] – Departamento de Letras Orientais, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2022. DOI: <https://doi.org/10.11606/D.8.2022.tde-28022023-185124>. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8157/tde-28022023-185124>. Acesso em: 17 nov. 2025.

NARST. **National Association for Research in Science Teaching**. 2024. Disponível em: <https://narst.org/>. Acesso em: 27 out. 2024.

NEGRO DRAMA. [Intérprete]: Racionais MC'S. São Paulo, 2002. Disponível em: https://music.youtube.com/watch?v=u4lcUooNNLY&si=ZDqMF_j4NroLaRV. Acesso em: 22 out. 2024.

OURIQUES, N. **O colapso do figurino francês: crítica às ciências sociais no Brasil**. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2021.

PEREIRA, L. M. O.; SILVA, D. R. G.; SILVA, H. A.; BARROS, L. G. C.; NUNES FILHO, J. D. Impacto da Síndrome do Impostor no âmbito acadêmico e profissional. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 24, n. 3, p. 1-10, 2024. DOI: <https://doi.org/10.25248/reas.e15278.2024>. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/15278/8511>. Acesso em: 17 nov. 2025.

PERIMETER INSTITUTE. **Einstein Plus**. 2024. Disponível em: <https://perimeterinstitute.ca/einsteinplus>. Acesso em: 27 out. 2024.

QUENTAL, P. A. A latinidade do conceito de América Latina. **GEOgraphia**, v. 14, n. 27, p. 46-75, 2013. DOI: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2012.v14i27.a13634>. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13634>. Acesso em: 17 nov. 2025.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2019. 112 p. [Feminismos Plurais].

RYAN, P. **Don't insist on English!**. TED Talk. Dubai, 2010. Disponível em: https://www.ted.com/talks/patricia_ryan_don_t_insist_on_english?subtitle=en&lng=pt-br. Acesso em: 22 out. 2024.

SCHMIDT, N. **The Privilege to Select: Global Research System, European Academic Library Collections, and Decolonisation**. 2020. Tese [Doutorado em Arte e Ciências Culturais] – Faculdade de Humanidades e Teologia, Lund University, Lund, 2020. Disponível em: <https://portal.research.lu.se/en/publications/the-privilege-to-select-global-research-system-european-academic->. Acesso em: 22 out. 2024.

SHANGAI RANKING. **2025 Academic Ranking of World Universities**. 2025. Disponível em: <https://www.shanghairanking.com/rankings/arwu/2025>. Acesso em: 28 ago. 2025.

SILVA, C. M. "É falar com as mãos e comer com o coração": O trabalho discursivo do estereótipo italiano na indústria alimentícia brasileira. **Ágora**, v. 23, n. 1, p. 154-170, 2021. DOI: <https://doi.org/10.17058/agora.v23i1.15957>. Disponível em: <https://seer.unisc.br/index.php/agora/article/view/15957>. Acesso em: 17 nov. 2025.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE FÍSICA. **Sociedade Brasileira de Física**. 2024. Disponível em: <https://www.sbfisica.org.br/v1/sbf/>. Acesso em: 27 out. 2024.

STOCKEMER, D.; WIGGINTON, M. J. Publishing in English or another language: An inclusive study of scholar's language publication preferences in the natural, social and interdisciplinary sciences. **Scientometrics**, v. 118, n. 2, p. 645-652, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11192-018-2987-0>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11192-018-2987-0>. Acesso em: 17 nov. 2025.

SUPPO, H. Intelectuais e artistas nas estratégias francesas de "propaganda cultural" no Brasil [1940-1944]. **Revista de História**, n. 133, p. 75-88, 1995. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i133p75-88>. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18770>. Acesso em: 17 nov. 2025.

TIMES HIGHER EDUCATION. **World University Rankings 2025**. 2025. Disponível em: <https://www.timeshighereducation.com/world-university-rankings/2025/world-ranking>. Acesso em: 17 nov. 2025.

UNIVERSITY OF WATERLOO. **Quantum for educators**. 2024. Disponível em: <https://uwaterloo.ca/institute-for-quantum-computing/outreach-and-workshops/quantum-educators>. Acesso em: 22 out. 2024.

U.S. NEWS. **Best Global Universities in Brazil**. 2025. Disponível em: <https://www.usnews.com/education/best-global-universities/brazil>. Acesso em: 27 ago. 2025.

VILHENA JR, W. M. O ensino superior brasileiro e as influências dos modelos internacionais. **Ambiente: Gestão e Desenvolvimento**, v. 17, n. 2, p. 92-109, 2024. DOI: <https://doi.org/10.24979/ambiente.v17i2.1323>. Disponível em: <https://periodicos.uerr.edu.br/index.php/ambiente/article/view/1323>. Acesso em: 17 nov. 2025.

WORLD EDUCATION SERVICES. **Credential Evaluations**. 2024. Disponível em: www.wes.org. Acesso em: 27 out. 2024.

Agradecimentos

Às organizadoras do dossiê pelo convite e aos leitores pela parceria.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

COMO CITAR ESTE ARTIGO SEGUNDO AS NORMAS DA REVISTA

ABNT: GASPARIN, C. Formação internacional de professores pesquisadores e resistência descolonizadora. *Vértices [Campos dos Goytacazes]*, v. 27, n. 1, e27123434, 2025. DOI: <https://doi.org/10.19180/1809-2667.v27n12025.23434>. Disponível em: <https://editoraessentia.iff.edu.br/index.php/vertices/article/view/23434>.

APA: Gasparin, C. [2025] Formação internacional de professores pesquisadores e resistência descolonizadora. *Vértices [Campos dos Goytacazes]*, 27(1), e27123434. <https://doi.org/10.19180/1809-2667.v27n12025.23434>.

DADOS DO AUTOR E AFILIAÇÃO INSTITUCIONAL

Camila Gasparin – Mestre em Educação pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Professora do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) – Florianópolis, SC – Brasil. E-mail: camila.gasparin@ifsc.edu.br.

FINANCIAMENTO

A autora declarou não ter tido financiamento externo para a pesquisa que originou deste artigo.

APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA NA PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

A autora não declarou haver conflito de interesses.

DISPONIBILIDADE DOS DADOS

Não se aplica.

DECLARAÇÃO DE USO DE IA

A autora não declarou o uso de ferramentas de inteligência artificial generativa na pesquisa e na escrita do artigo.

DECLARAÇÃO DE DIREITO AUTURAL

Este documento é protegido por Copyright © 2025 pela Autora

LICENÇA DE USO

Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](#). Os usuários têm permissão para copiar e redistribuir os trabalhos por qualquer meio ou formato, e também para, tendo como base o seu conteúdo, reutilizar, transformar ou criar, com propósitos legais, até comerciais, desde que citada a fonte.

RESPONSABILIDADE PELA PUBLICAÇÃO

Essentia Editora, coordenação subordinada à PROPPIE do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da Essentia Editora.

NOTAS

Este artigo faz parte do Dossiê Temático “Revisitando a internacionalização: discussões e desafios sobre políticas de internacionalização na educação” selecionado no Edital n. 77/2024 para publicação na *Vértices*.